

# Pesquisa em câncer no Brasil

A produção do conhecimento científico no Brasil tem crescido progressivamente, num ritmo de 8% ao ano nos últimos 10 anos, o que a coloca em 17º lugar no ranking mundial, situando-nos entre os países em desenvolvimento – com investimento médio em pesquisa em torno de 20%.

No setor saúde, as agências de fomento à pesquisa destinam entre 25% e 30% de seu orçamento à saúde. A maior parte dos pesquisadores deste campo está concentrada na área acadêmica, especificamente em universidades.

Apesar dos avanços, alguns aspectos merecem observação:

✓ Os investimentos para a pesquisa em saúde não são direcionados às doenças mais prevalentes; apenas 10% dos investimentos são voltados a doenças que afetam 90% da população.

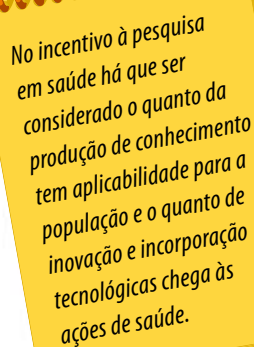
✓ A pesquisa em saúde carece de tecnologia e inovação, o que pode ser expresso pelo baixo número de patentes comparado a nossa publicação científica. Nem sempre o conhecimento gerado em outros países, com diferenças étnicas e genéticas, se amolda ao perfil da população brasileira, havendo, portanto, necessidade de incentivo à avaliação de incorporação tecnológica com vistas à sua incorporação ao SUS.

✓ A participação do Ministério da Saúde na política de pesquisa foi se tornando mais efetiva a partir de 2003. Entre 2000 e 2002, o investimento em pesquisa pelo Ministério da Saúde teve média anual de 68,4 milhões de reais, o equivalente a 5,7% do investimento total em pesquisa no país, incluindo o salário dos pesquisadores. Em 2006, somente em editais de pesquisa em saúde, organizados pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde, foram investidos 132,5 milhões de reais.

Nos últimos anos os órgãos governamentais têm se conscientizado de que o investimento em pesquisa é estratégico no enfrentamento dos desafios da saúde pública, traduzindo o compromisso político e ético do SUS com a produção e a apropriação de conhecimentos e tecnologias que contribuam para a redução das desigualdades sociais em saúde.

Assim, as diretrizes da Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde ganham sentido para sistemas, instituições de saúde e centros de formação de recursos humanos, que incorporam, progressivamente, seus objetivos principais: desenvolver e otimizar processos de produção e absorção de conhecimento científico e tecnológico para o atendimento das necessidades de saúde da população.

Essa política propõe, entre suas estratégias, o fortalecimento de parcerias e a inclusão de diferentes atores na cadeia do conhecimento – pesquisa básica, aplicada, clínica e epidemiológica em universidades, institutos de pesquisa, empresas e serviços de saúde. Buscando reduzir as fragilidades na área da pesquisa em saúde, reconhece-se a necessidade de profissionais com perfil de formação que responda a essas novas demandas, sob a ótica da multidisciplinaridade na abordagem dos problemas de saúde.



No incentivo à pesquisa em saúde há que ser considerado o quanto da produção de conhecimento tem aplicabilidade para a população e o quanto de inovação e incorporação tecnológicas chega às ações de saúde.

Obviamente, esse esforço exige prioridades de pesquisa.

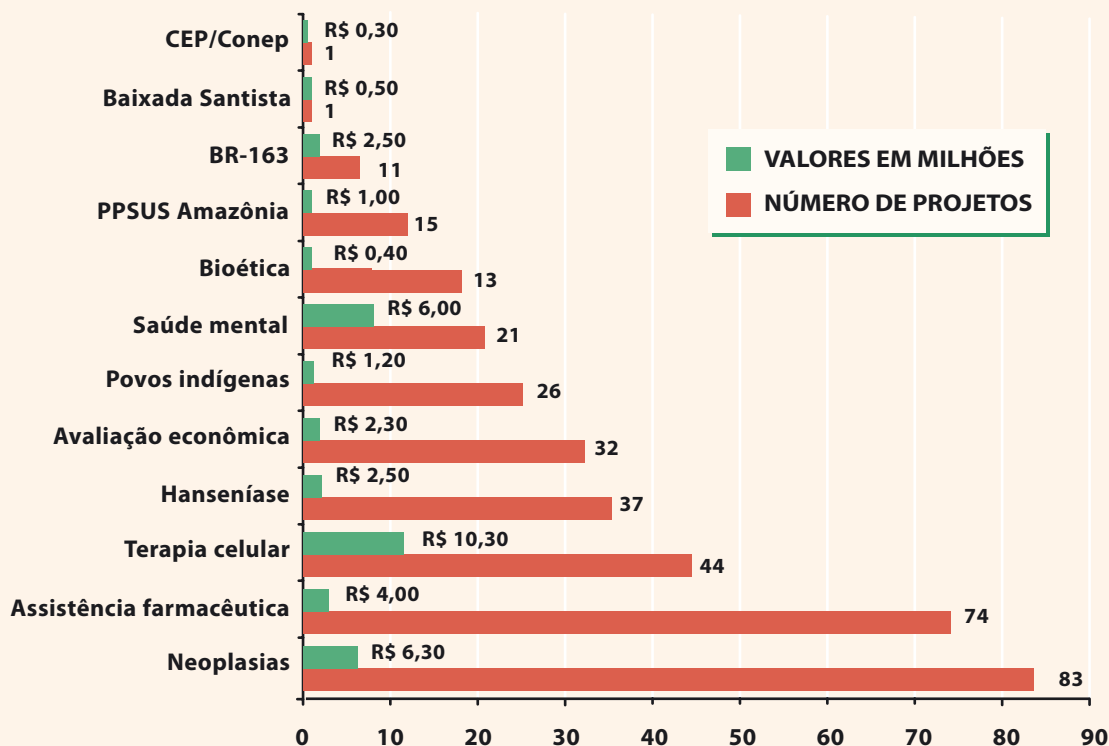
O foco no incentivo à pesquisa oncológica é relevante face às estimativas da UICC para um aumento de 50% até 2020 no número de novos casos de câncer e o dobro do número de mortes. No Brasil, esse desafio é maior porque temos uma sobrevida em câncer em torno de 2 a 4 anos, enquanto nos países desenvolvidos esse índice sobe para 12 a 16 anos.

Como prioridades na área oncológica identificadas pelo INCA, associado à Secretaria de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde e ao CNPq, estão os cânceres de alta prevalência e possibilidade de intervenção e resolução efetivas, como também aspectos no processo de evolução da doença para cânceres de colo do útero, mama, próstata, pulmão, colorretal e neoplasias hematológicas. A partir daí foi estabelecido o primeiro edital específico para fomento da pesquisa em câncer no país.

Por outro lado, a atual Política Nacional de Atenção Oncológica estabelece que a pesquisa em câncer deve ser incentivada nas diversas áreas – prevenção, controle, assistência –, permitindo assim que diferentes pesquisadores interajam e que grupos emergentes sejam ancorados a estruturas mais consolidadas, com otimização na relação custo/benefício para aplicação de recursos financeiros.

O incentivo à pesquisa no Brasil ainda tem capacidade de crescimento nos próximos anos, uma vez que reunimos 1,8% da produção científica mundial e nosso PIB corresponde a 2,3% da riqueza mundial. É evidente, contudo, que nosso crescimento só se tornará definitivo com o aumento do PIB ou a adoção de uma política de otimização de recursos e o estabelecimento de prioridades e interação científica. Acreditamos firmemente em que as estratégias implantadas trarão impacto não só em relação ao diagnóstico precoce e à intervenção efetiva no curso da doença, mas sobretudo na qualidade de vida dos pacientes de câncer.

## Investimento\* em pesquisa no Brasil, por edital\*\* (2005)



\* Valor financiado: R\$ 37.365.942,71.

\*\* Número de Projetos: 363.